

PÉ NO CHÃO.

Pablo Bucciarelli num dos momentos finais do percurso na Mantiqueira Minas: "Você tem que se entregar a essa terra. É assim que ela lhe dá o que tem de melhor", acredita ele.

TÃO LONGE, TÃO PERTO

POR ANA LUCIA AZEVEDO
ala@oglobo.com.br
FOTOS ANDRÉ DIB

RTAGEM DE CAPA

LONGE, TÃO PERTO

TRE ESCALADAS E CORRIDAS, ATLETA ATRAVESSA EM TEMPO RECORDE
3 UNS DOS TRECHOS MAIS ACIDENTADOS (E LINDOS) DE RJ, MG E SP

exta-feira de carnaval, 13 de fevereiro, Sapucaí. Nenhum batuque no ar. O som é o da floresta, que se intensifica à medida que o montanhista de velocidade paulista Pablo Bucciarelli avança pelas trilhas que o levarão por uma das aventuras já realizadas no Brasil. Enfrentou e concluiu a travessia em rio da Transmantequeira. Percorreu quilômetros em alguns dos maciços anhosos mais belos, altos e selvagens do país. E completou com o tempo recorde de 5 dias, cinco horas e 20 minutos.

Transmantequeira, a Serra que Chora, como chamavam os tupis-guaranis em alusão à sua copiosa em seus picos e encostas íngremes em boa parte do ano, tinha aceito e recebido o montanhista corredor solitário. Pablo, apelido e uma reverência dos amigos, estava em paz com a serra e com o mesmo. Na mochila, a travessia de curso mais difícil do Brasil.

Pablo é formado em Física pela USP e ensina o risco de riscos. Mas se notabilizou como um campeão de corrida de aventura e montanhista. Acaba de completar 40 anos, mas o esporte no sangue desde os seis. Já jogou aquático e futebol de salão. Cometeu natação, judô e tênis de mesa. Mas as montanhas sempre foram as senhoras da sua vida. E a Mantiqueira, lembra ele, o desafio da sua vida — ao menos até agora, pois ele sonha literalmente alto.

Pablo percorreu alguns dos territórios mais acidentados e deslumbrantes dos estados do Rio, Minas Gerais e São Paulo. Escalou algumas das montanhas mais altas do Brasil, como a Pedra da Mina e a Pedra do Urubitinga, e a arriscada travessia Marins-Itaipava, lendária entre montanhistas, considerada a com maior dificuldade técnica do mundo. Ele desceu o Itaguaré à impensável velocidade de 15km/h.

Em carnaval, não houve o tamborilar do samba, mas o da chuva onipresente. Breve

trégua apenas na passagem pelas trilhas próximas a Campos do Jordão, em São Paulo. A Serra que Chora estava em prantos. Tinha começado a choramingar em Sapucaí, não a Passarela do Samba, mas a Mirim, em São Paulo, um dos pontos iniciais da jornada que partiu de Monte Verde, em Minas. E se tornou copiosa até o fim da Transmantequeira, na Serra do Papagaio, em Aiuruoca, também Minas, lugar que os índios consideravam mágico por suas muitas cachoeiras em florestas fechadas por virtuosa biodiversidade.

Percorrer em velocidade a Transmantequeira foi uma demonstração de performance física sobre-humana. Corridas vertiginosas montanha acima, passagens em mata fechada, pouquíssimas horas de sono. Força, senso de orientação privilegiado e alta capacidade aeróbica são pré-requisitos para este tipo de aventura. Mas, para Pablo, a Transmantequeira em solitário foi sobretudo uma jornada espiritual e *tour de force* mental. A serra é a única companheira na maior parte do tempo.

O montanhismo de velocidade é para poucos. E deslumbra muitos. Quando Pablo entrava em algum vilarejo para se reabastecer ou dar a volta em trechos intransponíveis de rocha e mata, pessoas logo o cercavam com curiosidade.

— Não tem medo de onça, não? — pergunta um morador da Maromba, em Visconde de Mauá.

— Entrou na serra à noite com essa chuva assim mesmo? — surpreende-se um senhor em Aiuruoca.

A lógica e o foco da ciência aprendidos na física e na engenharia, ele usa no planejamento. Como nas palestras que frequentou no Instituto do Sono, para aprender como descansar o mínimo com o máximo de recuperação. Mas Pablo é, sobretudo, uma pessoa espiritualizada. Não é religioso no sentido restrito. Sua fé está na Terra:

— Amo esta serra e me sinto acolhido por ela. Meu coração pertence à Mantiqueira.

LENTE DE AUMENTO



CÂMERA, AÇÃO. O fotógrafo André Dib

A praia do mineiro de Uberaba André Dib é a alta montanha. Mais precisamente, a escalada em gelo, modalidade na qual pouquíssimos brasileiros se aventuram e, menos ainda, dominam. Até pela absoluta falta de locais para prática no país. Mas Dib não só é um especialista em gelo: é um dos maiores fotógrafos de aventura, esportes e natureza do Brasil. Autor de livros de fotografia e colaborador de algumas das principais revistas do gênero, como “National Geographic”, ele não hesitou em aceitar o convite de Pablo Bucciarelli e fazer as fotos que narram a aventura e esta reportagem. Partiu em companhia da mulher, Cassandra Cury, também escaladora e cinegrafista premiada. Aos 39 anos, Dib já fotografou todos os biomas brasileiros, da Amazônia aos campos do Sul. Mas sua paixão são as montanhas. Escalou todas as 11 maiores do Brasil e várias gigantes andinas com mais de seis mil metros, do Aconcágua (6.962 metros, a maior montanha do mundo fora dos Himalaias) aos gigantes Ojos del Salado, Cotopaxi, entre outras. ●



FOME DE QUÊ?

Pablo Bucciarelli percorre solitário o caminho para o Parque Nacional de Itatiaia



SEDE DE

O montanhista bebe água do rio Agulhas Negras em Itatiaia

A
DE PEDRA.
steleiras,
s símbolos
rque Nacional
tiaia



RTAGEM DE CAPA

LONGE, TÃO PERTO

mor antigo que se tornou mais forte is que se separou, em 2009. Um perí- fífcil por não estar mais tanto tempo os filhos e que o fez repensar a vida: Parei uns dez meses. Mas em 2010 a competir em aventura. Saí do zero primeiro do ranking nacional em No ano seguinte, porém, abandonei prova no meio e vi que precisava de esafio maior.

ssim começou sua história nas tra- is de longo curso. E em 2015 buscava afio na serra que mais adora. E, por la, pretendia também chamar a ão para a necessidade de preservar a iqueira, berço de muitas águas, tão sárias nestes tempos de seca recor- Sudeste.

Serra Fina, em Minas, Pablo correu ristas estreitas com mais de dois mil is de altura e alguns poucos de lar — daí o nome do lugar. No Vale do , perto dali e longe do restante do lo, encarou o frio, a neblina e a deso- ação, num terreno que parece um o minado com todo tipo, formato e nho de pedra.

alor sufocante esteve presente em nas das matas, durante o dia. Nos os de altitude do Parque Nacional itaia, a neblina e a chuva bloquea- i visibilidade num solo igualmente

de pedras e varrido pelo vento. O do Campo Belo, descobriu-se há o, é o lugar mais frio do Brasil. Isto à De dia, o sol da montanha penetra e na a pele. Nada que tenha impedido de chegar ao alto da Pedra do Altar, em frente às Agulhas Negras. E de lá ar velocidade por trilhas ora de mon- i exposta ora de floresta até a Ma- ia, em Visconde de Mauá, um de ugares favoritos.

Maromba, suportou extremos de calor. E superou as incertezas de al- is das florestas mais exuberantes da Atlântica, onde a escuridão da noite emeadada por sons de animais, como ças-pardas. Não são histórias de ma- Na mesma noite em que Pablo en- ia floresta, um caminhoneiro da re- ontava como havia parado para dar

passagem na estradinha de terra a uma onça e seus dois “oncinhos”, que de tão pequenos pareciam recém-nascidos.

Na travessia, Pablo tentou superar — e conseguiu — a que havia feito em dupla, em 2013, com o amigo Pedro Alex, que hoje faz doutorado em Antropologia no Peru. Escolheu a mesma época chuvosa, a menos propícia do ano para realizar uma empreitada na Mantiqueira. Escolha que surpreendeu seus amigos e muitos apreciadores de aventura que acompa- nharam a jornada ao vivo pela web no portal Extremos, do também aventureiro e membro da Caravana Transmantequei- ra, como gosta de chamar, Elias Luis.

— Queria repetir o mesmo desafio. Superar dificuldades. Encontrar res- postas — diz ele.

Desta vez, Pablo contou com uma equi- pe de apoio, presente em lugares restritos. Eram seus anjos da guarda. Chegavam antes dele em pontos de transição, cuida- vam da comida, do equipamento, das roupas, de onde poderia descansar. Du- rante toda a travessia, dormiu apenas 18 horas. Seu principal “anjo”, Vinícius Moy- sés, responsável pela logística do atleta, dormiu menos ainda. Ele antecipava cada necessidade de Pablo e sequer permitia que dormisse mais do que o combinado.

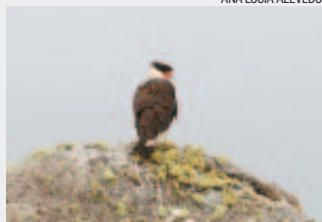
— Você tem que trocar esse tênis e le- var mais comida — dizia Vinícius.

Na única vez que ignorou os conselhos de Vinícius, também treinador de corrida de aventura, Pablo passou um sufoco na Serra Fina, que é tão bela quanto hostil. Mas ele já a atravessara tantas vezes que se sentia em casa. Queria correr o mais le- ve possível. E dispensou um lanche extra e a lanterna de cabeça — quem faz trilha sabe que ela é irmã. Veio a neblina e com ela, o frio e a desorientação. Chegou a noi- te e ele teria ficado perdido no escuro.

— Foi um massacre. Sofri demais, víti- ma da autoconfiança. Fiz em muito mais tempo do que pretendia e só saí de lá por- que encontrei uns meninos de São Paulo acampados que me emprestaram uma lanterna. Foi um aprendizado. Subestimei a serra. Precisamos dessas lições de hu- mildade — conta.

O CHORO DA MANTIQUEIRA

ANA LUCIA AZEVEDO



GAVIÃO. Água, florestas e espécies

Enquanto metrópoles como Rio e São Paulo sofrem com falta d’água, a Man- tiqueira verte em pranto mesmo ao longo do verão mais seco da história do Sudeste. Nas montanhas, a chuva é constante. Ela é fundamental para que ainda exista água nos principais estados do Brasil. Abriga algumas das florestas mais preservadas da Mata Atlântica, com espécies que existem apenas lá. Apesar disso, é pouco lem- brada quando se fala em conservação, inclusive a da água. Também por isso Pablo Bucciarelli quis usar sua aven- tura para chamar a atenção para a ne- cessidade de preservar a serra, um dos maiores complexos montanhosos do Brasil, coração montanhoso do Su- deste. Só no maciço de Itatiaia, segun- do o gestor ambiental e mestre em ge- ografia Rodrigo Giovanetti, há 54 cór- regos, ribeirões e rios. Alguns deles, como o Campo Belo, de águas cristal- nas, deságua no Paraíba do Sul. De grande importância são ainda os rios Aiuruoca, das Pedras e Palmital, estes dois últimos da região de Penedo.

— A variedade de rios é impres- sionante. E todos são limpíssimos na serra — afirma Giovanetti. O tempo na Mantiqueira tem humor instável. Muda de uma hora para ou- tra, o que levou à formação de uma vegetação única e diversa. ●

NA NATUREZA SELVAGEM.

Vista aérea da Serra Fina, que compõe a Mantiqueira e onde o aventureiro passou sufoco, sem lanche extra e lanterna



TÃO BELA QUANTO HOSTIL.

Outra visão da Serra Fina: “Foi um aprendizado. Subestimei a serra. Precisamos dessas lições de humildade”, reconhece Pablo



RTAGEM DE CAPA
LONGE, TÃO PERTO

sação era mais mental do que fisiológica. Até porque tinha tempo. Mesmo os percalços, esteve sempre à vontade do horário programado. E terminou o desafio quase um dia e meio antes dos oito planejados.

mesmo, num canto protegido da mata, perto da Cachoeira do Escorrega, para dormir um pouco. Vinha usando dentro do planejado. E insistindo nele, o ajudou a ter melhor desempenho. Outro fator fundamental foi o apoio da equipe de apoio. Diferentemente da aventura de 2013, quando ele e o parceiro não tinham nenhuma ajuda, desta vez precisava se preocupar com a comida e local para transição, onde trocar roupa, tênis e mochila. Além disso, mesmo com a equipe afiada e treinada, que passou por literais desafios, como dormir no carro em momentos de chuva e pernoitar sob um toldinho na mata do Registro, foi essencial a comunicação entre os lados racional e emocional de Pablo:

— Você tem que se entregar a essa aventura. É assim que ela lhe dá o que tem de melhor. Pablo se entrega.

Ele corre muito melhor na montanha do que no isolamento, do que quando estroto de vilarejos ou em estradas ruins. — avalia Lucas Abdalla Lima, responsável pela alimentação de toda a equipe e dono da empresa de aventura Radical, que patrocinou Pablo. Apesar da mesma opinião tem Vinícius:

Nem se compara, ele rende mais do que eu. Sua ligação é com a natureza. A ligação se fez sentir com mais clareza ao sair de Fragária, um vilarejo perdido entre Itamonte e Aiuruoca, ambos em Minas:

Estava muito cansado. Parei para descansar um tempo. Acho que não mais do que cinco minutos. Foi o suficiente para os olhos e o sol começava a nascer. Foi a magia do amanhecer na Mantiqueira. Fui acordando com a floresta. Fiquei conectado... Fazia parte daquilo que eu precisava com a montanha. Foi um

momento de paz. Me senti abraçado pela Mantiqueira.

A aventura terminou na Serra do Papagaio, último trecho selvagem antes da chegada a Aiuruoca. Pablo não conhecia essa serra e enfrentou perigos que não esperava, como ter que andar com água na altura da cintura na parte baixa da serra, afogada de tanta chuva. A vegetação fechada e encharcada era quase intransponível. O joelho machucado por alguma pedra perdida no caminho à noite começava a incomodar. Mas era uma parte muito aguardada, uma serra venerada pelos índios que um dia a habitaram e que até hoje é cercada por lendas.

— Estava com muito sono. Decidi subir para a parte mais alta. Fui até a sede do parque, tomei um banho, comi alguma coisa e conversei com um grupo de geólogos que estava por lá — conta. — Eles me deram algumas instruções e voltei para o mata na madrugada. Foi uma descida lenta, sofrida, pelo desconhecido.

A jornada pela serra alagada e escorregadia demorou mais do que o esperado e deixou a equipe que já o aguardava em Aiuruoca preocupada. Mas por volta das nove da manhã ele desmontou no alto da serra e começou a descida para a cidade:

— O desafio extremo me motiva. Nas serras Fina e do Papagaio, encontrei as maiores dificuldades. E a maior magia. Foi um desafio de vida. Encontrei respostas para muitas perguntas.

Ao chegar à igreja de Aiuruoca, jogou-se nos degraus e chorou agradecido:

— O corpo está castigado. Mas o espírito flutua. Esta é a magia.

No fim da jornada, sentia-se agradecido à Mantiqueira e aos amigos:

— Não gosto de sofrer. Mas preciso conhecer meus limites. Precisamos aprender a nos superar. O caminho nunca é fácil. Sou grato a Deus. Meu desafio é encontrar a paz do corpo e do espírito. ●

NA WEB
VÍDEO
oglobo.com/pais
Imagens de tirar o fôlego mostram como foi a aventura.

DE OLHO NOS PASSOS DO AVENTUREIRO



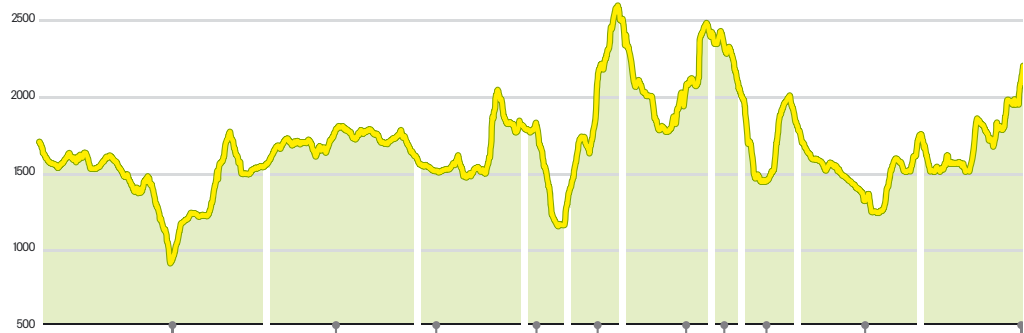
BIG BROTHER. Integrantes da equipe

Para percorrer a Transmantiqueira, Pablo Bucciarelli contou com uma forte e unida equipe de apoio. A logística ficou a cargo de Vinícius Moyses. Ele cuidou de cada detalhe de descanso, troca de roupa, cuidados médicos, percurso, cronometragem do tempo. Dono da Treine Certo Assessoria Esportiva e Eventos, no Espírito Santo, ele foi o principal anjo da guarda de Pablo. Lucas Abdalla Lima, da Vale Radical, que patrocinou a expedição, cuidou da alimentação. A logística de transporte da equipe coube a Bruno Zanini Netto, proprietário da Rota da Aventura. Pablo foi fotografado por André Dib e os vídeos são de autoria de Cassandra Cury e de Samuel Oscar, do Drone da Montanha. Os três tinham sempre que se antecipar a Pablo, para captar suas imagens em lugares particularmente importantes. O treinamento de Pablo foi realizado por Daniel Franquin, também corredor de aventura e diretor da Aksa Outdoor Sports. O escalador e highliner Luiz Milan foi responsável pela segurança da parte vertical da travessia. A transmissão online ficou a cargo de Elias Luiz, editor-chefe do portal Extremos, especializado em esportes radicais e aventura. ●



A JORNADA FOI DE **397Km** E DUROU **6 dias, 5 horas e 20 minutos** COM DESCANSO DE APENAS **18**

Altitudes percorridas



TRECHO:	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
DISTÂNCIA (KM)	79	57,2	38,1	15,5	24,5	34,2	13,5	23,5	39	72
DURAÇÃO	13h08	16h17	11h05	14h28	10h12	26h32	8h37	7h08	18h20	26h
DESCANSO	—	3h	1h30	4h30	1h	4h	1h30	—	2h	30h

Itens essenciais

